

Seca: o quadro que já se temia

Teotônio Vilela Filho - Senador pelo PSDB de Alagoas

19 MAR 2005

Os senadores Renan Calheiros e Heloísa Helena aceitaram minha proposta de, juntos, visitarmos os municípios mais castigados pela seca em Alagoas. Vimos o que esperávamos: um sertão seco, prefeituras desassistidas, sertanejos desesperados diante da comida que acabou e da falta de água.

Em Olivença, Carneiros, Senador Rui Palmeira ou São José da Tapera não há mais reservas de água nem para o consumo. Açudes romperam com as chuvas atípicas do ano passado e não foram reconstruídos. Os particulares não tinham dinheiro. Os públicos não tiveram apoio do governo. As prefeituras ainda não contam com qualquer suporte do governo para o abastecimento com caminhões-pipa. Cestas básicas ou qualquer ajuda, que no governo passado vinham pela Bolsa-Emergência, foram cortadas. Poucas vezes se viu nos sertões tanta necessidade e desespero.

Sempre que viajo ao Sertão, sobretudo nos períodos de seca, lembro da discussão estéril sobre políticas assistenciais para o semi-árido. Sempre há alguém para reclamar que os governos, até hoje, só fizeram assistencialismo, deixando de lado obras que

permitissem ao sertanejo conviver com a seca, de forma sustentável. Quem pensa assim estaria coberto de razão, não fosse por um único ponto: a hora de discutir políticas de longo prazo é quando acaba a seca e voltam as chuvas. Quando a vida está ameaçada, a hora é de agir.

O prefeito Jeno, de Olivença, concordava com seus colegas Silvério Moura, de Rui Palmeira, e Geraldo Filho, de Carneiros, sobre a urgência de uma ação emergencial. Com a vida não se brinca, eles diziam. E o que está em jogo, no sertão, é viver ou morrer. Tudo o que havia de obras estruturantes foi paralisado. Por que o trabalho não continuou? Duvido que o governo possa justificar com um mínimo de consistência paralisar obras tão vitais para a vida do sertanejo. Mas a construção de adutoras parou. Como pararam quase todas as obras federais em Alagoas, inclusive o Canal do Sertão.

Depois de toda a pressão que fizemos nos últimos dias, inclusive com cobranças no Senado, artigos e entrevistas na imprensa, o governo publicou os atos reconhecendo a emergência em Alagoas. Os meses de atraso entre a decretação da medida na prefeitu-

ra e o reconhecimento pelo Diário Oficial dão bem a medida da letargia e insensibilidade desse governo: nem um mero ato administrativo, que não exige dinheiro, mas só precisa de algumas linhas do Diário Oficial, consegue sair com presteza. Imagine o carro-pipa, a cesta básica, a obra estruturante... A seca que esturrixe tudo. O sertanejo que espere. Quem imaginaria isso no governo de um presidente-retirante?

Pela primeira vez em nossa história, os três senadores de Alagoas se unem na tarefa comum de denunciar o sofrimento do Sertão e dos sertanejos, e de chamar a atenção do governo federal para a situação de extremá gravidade que enfrentamos. Vimos, no Sertão, o que, infelizmente, já se temia, pois só o governo federal não reconhece a seca que se desenha. Vou relatar, no Senado, a crônica recorrente da dor de sertanejos cujo horizonte parece tão cinzento quanto a caatinga que os cerca. O governo pode continuar se omitindo, mas não desistirei... nem da denúncia da omissão oficial, nem da esperança de que um dia nosso sertão será tratado como parte do Brasil. Mas vai mesmo...